A *História geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen: apontamentos sobre o gênero biográfico na escrita da história Oitocentista*

Francisco Adolfo de Varnhagen's *História geral do Brasil*: notes on the biographical genre in the writing of history during the 19th century

Evandro Santos
evansantos.hist@gmail.com
Doutorando
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Sino da União, 65 – Mathias Velho
92325-380 – Canoas – RS
Brasil

Resumo

O artigo analisa, de modo sintético, aspectos da incorporação da biografia na economia do texto da principal obra do diplomata e historiador nascido no Brasil Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), qual seja, sua *História geral do Brasil*, publicada em dois volumes, nos anos de 1854 e 1857. O foco recai sobre a parte final da obra, momento em que o historiador aproxima-se temporalmente dos acontecimentos históricos narrados, o que remete a interferências específicas tanto no que tange à figura do historiador no Oitocentos como ao caráter que definiria o texto de história e sua credibilidade.

Palavras-chave

Biografia; Historiografia; Francisco Adolfo de Varnhagen.

Abstract

The article briefly analyses aspects of the incorporation of the biography-genre in the text structure of the main work of the diplomat and historian Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), born in Brazil and author of the work *Historia geral do Brazil*, published in two volumes, in the years of 1854 and 1857. The article is focused on the final part of his work, namely on the moment when the historian comes temporally closer to the narrated events, which refer to specific interferences, not only regarding the figure of the historian in the 19th century, but also the character that would come to define the history-text and its credibility.

Keywords

Biography; Historiography; Francisco Adolfo de Varnhagen.

Aprovado em: 14/12/2011
Enviado em: 4/6/2012

* Este artigo é uma parte modificada de minha dissertação de mestrado, intitulada *Tempos da pesquisa, tempos da escrita*: *a biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen (1840-1873)*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2009. Ela contou com apoio financeiro do CNPq.

Falar por si, falar de outros: a escrita da história entre antigos e modernos

Este artigo pretende examinar brevemente alguns aspectos da presença de pesquisas biográficas na principal obra do diplomata e historiador nascido no Brasil Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). Sua *História geral do Brasil* foi publicada em dois volumes, nos anos de 1854 e 1857, com reedição revista, aos cuidados do autor, em 1877.[1] Atentando à parte final da obra, momento em que o historiador aproxima-se temporalmente dos acontecimentos por ele narrados, esta análise tem como escopo central apontar relações entre a operação historiográfica varnhagueniana e as participações biográficas presentes no referido trecho da obra. A partir da leitura de outros textos do mesmo autor objetiva-se, ainda, identificar características do ofício historiográfico em meados do século XIX, tendo por ensejo as marcas políticas e históricas coadunadas e passíveis de verificação no conjunto de escritos selecionado dentre o vasto legado associado a Varnhagen.

O historiador aqui tratado, entre muitas produções, escreveu biografias. São elas que o ligavam mais fortemente, pela profusão, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), espaço financiado pelo poder imperial, sediado no Rio de Janeiro desde 1838. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, periódico do citado órgão, foi um importante divulgador de notícias biográficas (OLIVEIRA 2011). Nessa esfera, Varnhagen foi um dos mais profícuos colaboradores, tido por José Honório Rodrigues como o iniciador da biografia no Brasil oitocentista (RODRIGUES 1957, p. 277). Sua rubrica na seção biográfica da *Revista*, no conjunto, constitui 25 biografados e 31 textos, que mesclam biografias por ele elaboradas, pequenas reescrituras dessas com correções e informações complementares e reedições comentadas de estudos editados em outras publicações, embora nem todos de autoria do historiador, datados entre 1840 e 1873.[2]

Tanto a história como a biografia estavam sujeitas, naquele lugar, à concepção exemplar do conhecimento do passado: "A *historia magistra vitae* não é apenas um adágio erudito, ela é também um princípio organizador que justifica e ao mesmo tempo orienta as investigações do IHGB. Eternizar, salvar os fatos são fórmulas que provêm desse princípio" (CEZAR 2011a, p. 97). Seguindo o modelo retórico associado a Cícero e que poderia ser expandido ao contexto helenístico em geral, o regime de historicidade antigo convertia a opção pela narração de vidas em instrumento pedagógico (HARTOG 2006, p. 16). O elogio e o culto dos grandes homens estavam grafados como tarefas de grande valor nos textos que fundamentavam o discurso no órgão então ocupado da formação de um panteão que expressasse um tempo nacional inexistente até a sua instauração (ENDERS 2000).

[1] Para um estudo das edições póstumas e dos trabalhos de anotação da *História geral*, sobretudo a cargo de Capistrano de Abreu e de Rodolfo Garcia, ver BATALHONE JUNIOR (2011).

[2] Merece menção a significativa concentração de notas biográficas assinadas por Varnhagen publicadas na década que antecedeu às publicações da *História geral do Brasil* e de seu *Florilégio da poesia brasileira*, compêndio de poesias editado em três volumes nos anos de 1850 e 1853, obra igualmente acompanhada de pesquisas biográficas (VARNHAGEN 1946).

Neste sentido, de volta a *História geral*, cabe observar que o *tempo* proeminente em Varnhagen era aquele de D. Pedro II. Monarquista declarado, nos raros momentos em que o historiador remetia ao futuro, este falava inarredavelmente em um projeto imperial, ou seja, em um "futuro presente", ou um "futuro passado", a depender da perspectiva.[3] Cuidadoso, não perdia a oportunidade de esclarecer junto ao mesmo Imperador quaisquer dúvidas quanto à fidelidade política que guardava:

> Não poderia aqui explicar uma a uma todas as razões que tive para dar certos toques, para empregar tais ou tais frases na *História geral*. Assim v. gr. na pag. 412 (do Tomo 2°) há duas palavras que parecem desfavorecer, e sem embargo estão aí de intento e depois de muita reflexão. Era necessário começar por não me constituir adulador, para melhor encaminhar comigo o leitor a crer o que logo depois digo em tópicos mais melindrosos e essências à *heroicidade*. Como *cronista* poderei ser mais adulador ou panegirista, como historiador produziria efeitos negativos. Creio que faço justiça ao Sr. D. Pedro I (VARNHAGEN 1961, p. 246-247).[4]

As duas palavras que supostamente desfavoreceriam D. Pedro I, como apontou Claro Ribeiro de Lessa na *Correspondência ativa* de Varnhagen, seriam "nem sempre grave" e "às vezes caprichoso".[5] Contudo, o que é oportuno ser destacado nesse registro explicativo em forma de missiva é a atribuição que o remetente faz ao papel do historiador. Este não deveria ser um adulador e seu leitor deveria ser conduzido a acompanhá-lo sob este aparte neste *contrato de leitura*.[6] Acerca

[3] Em 1857, ano de publicação do segundo tomo de sua *História geral do Brasil*, em carta enviada ao Imperador, comentando acerca do *Memorial Orgânico*, um de seus textos políticos, escreve Varnhagen: "Sobre este ponto nada mais digo quando V. M. I. sabe tudo, e quando não desconhece que o empenho principal que me guiou a pena do *Memorial orgânico* foi o de promover desde já com a maior segurança possível a unidade e a integridade do Império *futuro*, objeto constante do meu cogitar". Carta a D. Pedro II, Madrid, 14 de julho de 1857 (VARNHAGEN 1961, p. 246). Para um estudo dedicado à análise centrada no *Memorial*, ver JANKE (2009). A expressão "futuro passado" é uma paráfrase àquela do historiador alemão Reinhart Koselleck. Ao explicitar sua tese sobre o movimento de temporalização da história que, segundo ele, pode ser percebido em uma análise que compreende os séculos XVI e XIX, verifica que as mudanças na hierarquia entre religião e política influenciaram uma nova temporalidade, por sua vez, própria da modernidade. Seguindo o autor, foi-se das profecias à ideia de prognóstico. Se as profecias apocalípticas destruíam o tempo, com os prognósticos o tempo ganha configurações diversas, cabendo àqueles capturar este último (KOSELLECK 2006, p. 21-39). Em todas as citações de fontes coevas, a grafia original foi preservada. Para uma recente proposta de discussão acerca do uso da expressão na historiografia brasileira do Oitocentos ver ARAUJO (2011).

[4] Carta a D. Pedro II, Madrid, 14 de julho de 1857.

[5] A preocupação de Varnhagen com relação à imagem de D. Pedro I, em meados da década de 1850, pode ser também pensada como pertencente aos debates acerca da conformação da memória do primeiro imperador, retrabalhada pelos representantes Saquaremas, esforços que atravessaram três décadas e, no período, assumiam feições de projeto concretizado. Como lembra Zina Argollo Valdetaro, ao examinar os planos para a construção da estátua equestre de Pedro I, o IHGB e Varnhagen caminhavam juntos rumo à monumentalização imperial e nacional: "essa era, também, uma das mais expressivas preocupações e relevantes missões a serem cumpridas pelo IHGB, centro irradiador de estímulos para a construção de monumentos históricos, quer sob a forma de letras, como a primeira história geral do Brasil, elaborada por Varnhagen, quer sob a forma de qualquer iniciativa que captasse e projetasse o Brasil e suas diversas especificidades. Um museu ou uma revista, uma obra literária ou um monumento, quaisquer obras que se revestissem de um caráter instrutivo a respeito do país eram vistas como dotadas de relevância". (ARGOLLO VALDETARO 2008, p. 51). Para a análise da mencionada proposta de construção da estátua equestre, ver especialmente o segundo capítulo do trabalho.

[6] De acordo com Paul Ricoeur: "Com efeito, do autor é que parte a estratégia de persuasão que tem como alvo o leitor. É a essa estratégia de persuasão que o leitor responde acompanhando a configuração e apropriando-se da proposta do mundo do texto". Deve ser mencionado: Ricoeur destaca que, "do mundo do texto" ao "mundo do leitor", são as variantes da *comunicação* que se estabelece do autor àquele que lê os fatores que determinam, por exemplo, a distinção da narrativa histórica (RICOEUR 1997, p. 277).

disso, cabe lembrar as considerações de Luiz Costa Lima que, retomando Luciano de Samósata e seu tratado intitulado *Como se deve escrever a história* (165 d.C.), ocupa-se dos íntimos contatos da retórica com a historiografia antiga. A partir de passagens em que Luciano defendia aquela noção de que deveria o historiador conhecer a diferença entre o que escreve e o panegírico, afirma Costa Lima: "A crítica veemente a que Luciano submetia os historiadores se tornava mais freqüente porque – outra vez, com a exceção da *Poética* aristotélica – os antigos se contentavam em caracterizar os gêneros poéticos pelo ornamento e pelo seu excesso" (LIMA 2006, p. 96).[7] No Oitocentos, o lugar da escrita histórica e os esforços para caminhar da eloquência à crítica convocavam à discussão e agregavam outros pontos abertos pelo suposto "ocaso" da *historia magistra vitae* (LIMA 2006, p. 120-125).[8]

Três anos antes, em 1854, em contrapartida, Varnhagen retomava outra definição (atenta não ao executor, mas justamente à resolução formal do seu trabalho) através de um *post editum* – uma nota tardia de edição – publicado ao final do primeiro tomo da sua *História geral do Brasil*:

> Uma coisa é a história geral (ainda quando não resumida) de um Estado, e outra são as atas das suas cidades e vilas; os anais e fastos das suas províncias; as crônicas dos seus governantes; as vidas e biografias de seus cidadãos beneméritos. Aquela não impede que nestas se trabalhe, e em cada qual tem a narração proporções convenientes (VARNHAGEN 1854, p. 478).

Tanto os argumentos sobre as propriedades do historiador como os enquadramentos que uma chamada "história geral" deveria ter faziam parte de sua *retórica da nacionalidade*, ainda que não discutidos em profundidade por Varnhagen.[9] Chama a atenção, através da leitura de sua *História*, o quanto tais argumentos indicavam a necessidade de se estabelecer algumas nuances relativas às questões pelas quais passava a escrita da história no Brasil do século XIX. Ser historiador, escrever a história: ofício e prática consideravelmente pouco precisos, ao menos nos moldes e no contexto a partir dos quais Varnhagen pretendia desenvolver o seu trabalho.[10]

[7] O autor propõe uma leitura da questão retórica tendo por base, além do texto de Luciano, escritos de Cícero, Aristóteles, Dionísio e Quintiliano, além de leituras modernas.

[8] Não é demais citar o comentário de Varnhagen, no prólogo à segunda edição da *História geral*, em 1877: "Cada dia nos convencemos mais de que a história é um ramo da critica, não da eloquência [...]" (VARNHAGEN s/d, p. XII). Sobre a permanência da retórica para além do século XIX, no Brasil, ver SOUZA 1999.

[9] De acordo com José Honório Rodrigues, ao inventariar os gêneros históricos na história do Brasil: "A história geral desde Frei Vicente do Salvador, Rocha Pitta, Abreu e Lima, Rio Branco, Galanti, Rocha Pombo até Pedro Calmon, afora as estrangeiras e a didática (especialmente os mais representativos, José Pedro Xavier Pinheiro, J. M. de Macedo e João Ribeiro) constitui capítulo da nossa história da historiografia brasileira" (RODRIGUES 1957, p. 190). Entendo a noção de *retórica da nacionalidade* tal como formulada por Cezar: "conjunto de estratégias discursivas aparentemente caracterizadas pela dispersão de seus elementos constituintes, utilizadas com vistas a persuadir os brasileiros de que, a despeito da natureza heterogênea e compósita de sua formação social, partilhavam de um mesmo passado, e por consequência de uma mesma origem e uma mesma identidade" (CEZAR 2011b, p. 48, tradução nossa). Esta noção será a chave de leitura na segunda parte deste artigo.

[10] Tal qual ressalta Taíse Silva: "Como paradigma dos problemas que envolvem a tarefa historiadora no século XIX Varnhagen alude à problemática da indefinição do estatuto de suas práticas, estando ele como historiador mais próximo do que chamaríamos contemporaneamente de literato ou erudito. [...] Sua *História geral* configuraria uma narrativa caleidoscópica, a partir da qual é possível agrupar e reagrupar diversos elementos, formando imagens de uma *História*, a cada leitura, diversa de si mesma" (SILVA 2006, p. 115).

Encontrar as devidas proporções de uma história geral não parecia ser tarefa de fácil solução, apesar de Varnhagen dar indicações de possuir nítidas concepções. Além do assumido enlace ao poder imperial, que emerge nos textos de historiador de maneira ampla, a então recente movimentação disciplinar da história, ao mesmo tempo em que legitimava a produção desse conhecimento e a figuração do pesquisador como um profissional, acabava por criar incongruências e limitações. Tais entraves envolviam o próprio trabalho com o tempo histórico e a conjuntura política. Atas, anais, crônicas e biografias fazem parte dos interesses de Varnhagen, mas em nada disputam com a grande obra dedicada ao Imperador. A *História* é outra coisa. O historiador deve dominar e ser capaz de atribuir, na leitura ou escrita dessas formas narrativas, "proporções convenientes". Diferentemente da antiga marcação instauradora no salto dos anais à escrita da história, associada a Cícero, não significava ir de uma a outra fórmula, mas dominá-las sob um novo regime.[11]

Já em 1843, uma década antes da primeira edição da *História geral*, ao comentar de suas pesquisas nos arquivos da Torre do Tombo com seu amigo Januário da Cunha Barbosa, dizia Varnhagen:

> Lá virá tempo em que eu não tenha arquivos e então o organizar dos documentos, a redação histórica será o meu cuidado. – Estes documentos soltos não os quero enviar por que é necessário para terem curiosidade mesmo na Revista uni-los e combiná-los em doutrinas que façam tal ou qual corpo (VARNHAGEN 1961, p. 103).[12]

Ora, a partir da opinião citada, é possível observar que o ofício do historiador, se deveria dar conta da ordenação dos recursos documentais, não se resumia a tal atividade. A "curiosidade" da história não está simplesmente nos documentos, mas na ordem que lhe é dada pelo historiador.

De todo modo, Varnhagen não esteve isento da crítica, feita por ele mesmo, direcionada àqueles que o precederam no tocante à definição do que viria a ser, formalmente, o registro escrito produzido pelo historiador. Capistrano de Abreu, segundo Maria da Glória de Oliveira, veria resquícios de crônica em Varnhagen. Desprezar a forma da crônica foi um gesto que atravessou o século.[13] Conforme sugere a historiadora,

---

[11] Em *Do orador*, redigido em 55 a.C., falava Cícero: "Pois a história não era mais que a confecção de anais. Com esse objetivo e para guardar a memória oficial é que, do começo dos acontecimentos e Roma até o pontífice máximo Públio Múcio, o pontífice máximo punha por escrito todos os acontecimentos de cada ano e escrevia-os numa tábua branca que expunha em sua casa, para dar ao povo a possibilidade de conhecê-los: é o que ainda se chama de grandes anais" (*apud* HARTOG 2001a, p. 145). Conforme Hartog, "A história sai dos anais, que não são mais que o desenvolvimento da primeiríssima crônica elaborada pelo pontífice máximo. [...] Porque o pontífice? Porque ele era, por sua função, um mestre do tempo: do mesmo modo que fixava o calendário, tinha 'o poder de preservar em sua *tabula* a memória dos acontecimentos [...]" (HARTOG 2001a, p. 180; ver também LE GOFF 1994, p. 485-533).

[12] Carta ao Cônego Januário da Cunha Barbosa. Lisboa, 14 de março de 1843. O periódico mencionado por Varnhagen é a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

[13] Ver o interessante estudo de Eduardo Sinkevisque sobre a obra de Rocha Pita, onde busca escapar e fazer a crítica da recepção romântica oitocentista desse autor (SINKEVISQUE 2000).

> O que parece estar em questão no rechaço à crônica, presente tanto no plano de Martius quanto na crítica de Capistrano a Varnhagen, é o problema da adequação deste modo de escrita a uma representação especificamente 'histórica' do passado. Em ambos, a depreciação deste gênero de relato justifica-se pela sua incapacidade de conferir coerência, unidade e inteligibilidade aos acontecimentos narrados (OLIVEIRA 2006, p. 78).[14]

Uma última observação, que remete à abertura deste ponto da análise e deve encaminhar o próximo que se segue e constitui o foco desse breve artigo: a biografia na economia do texto da *História geral do Brasil*. Ela, a biografia, outro dos gêneros citados por Varnhagen como instrumento de comparação na definição de sua obra, é citada na última seção efetivamente narrativa dessa, onde a figura de Pedro I encerra a *História* com a transcrição de uma carta por este escrita quando de sua abdicação, em 1831, três anos antes de vir a falecer.[15] Anuncia Varnhagen: "Paremos por em quanto aqui. A independência e o império ficam proclamados; e este com bandeira, escudo d'armas, ordem de mérito, laço e hino nacional" (VARNHAGEN 1857, p. 442). Na sequência, alega o historiador que o término de sua narração dava-se naquele ponto em função dos limites documentais e dos "resguardos que se devem aos vivos [e que] pediriam uma redação que não ataria bem com a imparcialidade que guardamos pelo passado" (VARNHAGEN 1857, p. 442).[16] Ainda comenta que embora não se atreva a avançar no tempo em uma história contemporânea, "não nos despedimos de a seguir estudando, coligindo novos materiais para ela, e desde já escrevendo algumas biografias de indivíduos falecidos, e cuja vida nem apresente pontos melindrosos, nem careça de todo de futuros esclarecimentos" (VARNHAGEN 1857, p. 442). Assim, o último personagem da *História geral* não ganharia ali uma biografia, mas uma "modesta *Crônica de D. Pedro I*". Portanto, gêneros tais, história geral e biografia, guardavam seus relevos efetivamente diversos. Da mesma forma, pode-se inferir que se a história não poderia resumir-se à crônica (ou seja, às reduções apressadas e desvinculadas de seu contexto), tampouco a escrita biográfica, em casos determinados, seria merecedora desse tratamento por parte do pesquisador.

[14] Esta análise da crítica de Capistrano de Abreu à escrita varnhageniana constitui uma excelente abordagem historiográfica dessa questão. Sobre o plano de escrita da história elaborado pelo bávaro Carl Friedrich Phillip von Martius, mencionado pela historiadora, ver CEZAR 2003.

[15] Para uma análise das disputas políticas próprias do período a obra de Varnhagen é interrompida, ver MATTOS 2004.

[16] Nesta passagem, Varnhagen anuncia que se prepara para a redação de uma história geral dos primeiros anos do império, que se confirmou com sua póstuma *História da Independência*, só publicada pela primeira vez no ano de 1916, na *Revista do IHGB* (VARNHAGEN 1916/1917, p. 5-598). As características particulares relativas aos testemunhos que serviram ao historiador na elaboração dessa obra merecem uma análise particular. Eliete Tiburski defendeu recentemente, no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, uma dissertação de mestrado intitulada *Escrita da história e tempo presente no Brasil oitocentista* na qual se dedica a analisar o referido trabalho póstumo atentando, entre outros aspectos, às peculiaridades da produção de uma história do tempo presente e suas implicações no Brasil do século XIX. É interessante observar, ainda, que no prefácio da *História da Independência* Varnhagen pontua novamente a diferença de gênero narrativo que tomei como fio condutor parcial para chegar às inserções biográficas na *História geral*. Nesse prefácio, escreve o autor: "Quanto ao método adotado na exposição, foi a própria experiência que no-lo aconselhou. Não escrevemos anais, escrevemos uma História, e os saltos continuados a uma e outra província, deixando interrompido o fio dos sucessos importantes e capitães, produzia confusão e não permitia que os próprios das províncias fossem convenientemente explicados" (VARNHAGEN 1916/1917, p. 28).

Ademais, quais seriam, enfim, os biografados dessa *História*? Entre os tantos nomes citados na obra, quais aqueles que receberiam tratamento biográfico, isto é, mais que uma menção, teriam suas vidas incorporadas à história do Brasil projetada por Varnhagen? Américo Vespúcio, com certeza. Martim Afonso de Souza e seu irmão Pero Lopes, igualmente. O mitológico Diogo Álvares – o Caramuru – também emerge como personagem na obra. De certa forma os indígenas têm lugar garantido.[17] Assim, quais as dimensões biográficas da mesma e a que estariam elas relacionadas? Afinal, depois de iniciar esse estudo partindo do final – ainda que se pretenda, a todo momento, ligar o começo e o fim da obra ao seu presente, aquele do seu autor – pode-se perseguir, na temporalidade definida por Varnhagen, alguns episódios biográficos relevantes na compreensão do contrato de leitura por ele proposto.

O objetivo do próximo eixo desse artigo é menos o de destacar o nome de Varnhagen e sim investigar como este, convertido em narrador, opera as noções de tempo que deslocam os personagens da *História geral do Brasil* para outros períodos históricos que não o presente oitocentista. Agrego, por ora, às indagações supracitadas as seguintes: que diálogos podem ser estabelecidos entre as dinâmicas da operação historiográfica de Varnhagen e os episódios eminentemente biográficos na segunda parte de sua principal obra? Usos da biografia ou abusos de uma historiografia comprometida com a política? Ou melhor, para encerrar, escolhas disciplinares ou jogos com a memória?

Dizer e fazer ver: o gênero biográfico e a retórica da nacionalidade

Em carta escrita no dia 2 de dezembro de 1852, comentava Varnhagen ao Imperador: "A *História do Brasil* está já em 1654. Capitularam os holandeses e foram-se embora. A esta célebre guerra de trinta anos dediquei três capítulos, e creio mais que suficientes para não ser aqui, só porque haja mais historiadores, mais minucioso do que antes ou depois" (VARNHAGEN 1961, p. 193).[18] Contudo, mesmo trabalhando no sentido de garantir certa unidade à obra, seu autor não foi capaz de conter a riqueza das fontes e seu interesse pelas guerras contra os "invasores" franceses e holandeses, características dos anos finais do século XVI e boa parte do seguinte (RODRIGUES 1979, p. 37-77). Foi, sem dúvida, na narração desses combates e na descrição de seus vultos que o historiador mais profundamente explorou um tema específico e o gênero biográfico.

Logo no início de sua narrativa, Varnhagen já apresenta um de seus heróis, Felipe Camarão, cujos estudos dedicados a averiguar sua naturalidade, também de autoria varnhagueniana, podem ser localizados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (VARNHAGEN 1867). Na primeira edição da *História geral* sua entrada ocorre assim:

[17] Estes biografados, presentes sobremaneira no primeiro volume da *História geral*, serão analisados em artigo a ser publicado posteriormente.

[18] Carta a D. Pedro II, Madrid, 2 de dezembro de 1852. É interessante observar que Varnhagen faria comentário semelhante na própria *História geral*, citando depois, em nota de rodapé, a referência indireta a Guizot: "D'ora em diante os nossos anais vão sendo mais copiosos em fatos, e começaremos a ser mais concisos; seguindo a máxima de um dos primeiros escritores de nossos dias de que é principalmente junto ao berço das nações que mais cumpre ao historiador demorar-se, contemplando-as" (VARNHAGEN 1854, p. 357).

> Nas primeiras escaramuças da nova campanha os nossos levavam sempre a melhor; e então começaram a ser organizados em guerrilhas, cujos chefes tinham o nome de patente de *capitães de emboscada*. De uma dessas guerrilhas foi chefe célebre Índio Poty, ao diante mais conhecido por D. Antonio Filippe Camarão; o qual veio, por seus distintos serviços, a ser pelo rei agraciado com a mercê do habito de Cristo, a patente de capitão mór dos índios, e a tença anual de quarenta mil réis. Este índio célebre era filho do Ceará, e fora dali trazido, com todos os bravos de sua escolta, pelo capitão Martim Soares, apenas teve notícia do perigo de Pernambuco (VARNHAGEN 1854, p. 362).

A partir daí, o protagonista – líder dos índios aliados aos portugueses – retornará ao texto diversas vezes. É possível afirmar que, como em nenhum outro momento da *História geral*, as premissas do antigo regime de historicidade despontam na exposição dos personagens. Nestas passagens, que ultrapassaram em muito as três seções pretendidas por Varnhagen, de simples incorporação de atores sociais, por vezes severamente críticas ou apressadas, o que se percebe é a incursão de verdadeiros heróis. A *historia magistra vitae* que, como supõe alguns exames, perdeu gradativamente sua força desde o final do século XVIII, parece ter sua fórmula retrabalhada neste determinado ponto do livro.

Além de Felipe Camarão, André Vidal seria outro herói nacional a ser recordado:

> Nestas correrias se distinguia o jovem Paraibano André Vidal, que depois veio a representar tão importante papel na restauração de Pernambuco. Chegou Vidal, em companhia de Sebastião de Souto, por terra até a Paraíba, destruindo mais de quarenta mil arrobas de açúcar. Desta correria saiu o valente paraibano com uma chuçada no peito (VARNHAGEN 1854, p. 375).

Como se pode notar, são os personagens que não só conduzem, mas acabam por organizar a narrativa tanto no tempo quanto no espaço. É provável que Varnhagen retorne tão frequentemente aos percursos individuais até mesmo para que tal ordem se sustente em meio ao excesso de informações que se sucedem nas descrições dos acontecimentos relacionados às lutas.

O hipotético sentimento nacionalista do século XVII atinge praticamente todos os nomes mencionados. O militar italiano Bagnuolo, no Brasil a serviço do rei espanhol, por exemplo, acusado de traição e covardia por seus coetâneos, teve contra si, na opinião de Varnhagen, o fato de não ser um membro da União Ibérica:

> O maior pecado que tinha Bagnuolo (sejamos francos) era ser estrangeiro, para os brasileiros e portugueses, e também para os Castelhanos. É já tempo de sermos mais generosos com esse italiano que, com poucos recursos, tantas vezes expôs a sua vida pela nossa pátria (VARNHAGEN 1854, p. 379).

De outra feita, a sutil crítica à ideia de independência, quando transposta para o período, no mesmo sentido do que ora se trata aqui, ganha contornos positivos, como na passagem em que o historiador oitocentista fala na figura de Amador Bueno:

> Se acreditamos a tradição que no século passado recolheu um monge beneditino filho da província, houve até o pensamento de independência; e ao tratar-se de o realizar não se levou a efeito pela abnegação de Amador Bueno, a quem foi oferecida à coroa. O crédito em que era tido na província este grande homem se colige das seguintes palavras da eloquente representação, com que no ano imediato o recomendavam ao rei, 'como homem rico e poderoso, bem entendido, capaz e merecedor de todos os cargos em que V. M. o ocupar, porque nos que de fora encarregado deu sempre verdadeira conta e satisfação (VARNHAGEN 1854, p. 408).[19]

No entanto, no contexto das invasões holandesas, nenhum personagem será mais admirado por Varnhagen do que Maurício de Nassau, um nome que de certa forma ordena parte da temporalidade do evento trabalhado. Nas palavras daquele:

> A mencionada Companhia Ocidental e os Estados Gerais conheceram a necessidade de mandar ao Brasil um chefe hábil e prudente, que reunisse, como um vice-rei, a autoridade militar e civil, e tratasse com justiça e igualdade conquistados e conquistadores. Com aplauso geral foi para tal cargo lembrado o ilustre Mauricio de Nassau, primo do príncipe de Orange, e já afamado na Europa por seus feitos distintos, sobretudo militares. A acertada administração desse primeiro príncipe das casas reais da Europa que pôs pés no continente americano merece um especial lugar na história da civilização do nosso território, e justo é que a ele dediquemos, exclusivamente as duas seguintes secções (VARNHAGEN 1854, p. 375).

O historiador seguiria em tom laudatório:

> – Tal é a condição humana! Um só homem, um só nome, um centro prestigioso pode muitas vezes operar em nossos ânimos o que não conseguiriam os mais heroicos estímulos da glória e da ambição. Nesta parte a história é melhor mestra da humanidade que o raciocínio dos filósofos, que, sem conhecimento prático do homem, pretendem dar preceitos para o governo dos homens (VARNHAGEN 1854, p. 376).

No que toca à ideia de heroísmo, é importante questionar os motivos pelos quais, no caso específico das descrições e análises das lutas com os holandeses, Varnhagen se utilizava de referências como a seguinte:

> Esta pequena divisão desprotegida não desanimou no meio da orfandade, comparável a do exercito dos dez mil na Pérsia quando perdeu os seus chefes. Luiz Barbalho foi o Xenofonte que dirigiu a trabalhosa retirada, sendo para lamentar que não nos deixasse, como o caudilho ateniense, a narração dos serviços que então lhe deveu a pátria (VARNHAGEN 1854, p. 394).

Qual seria a circunstância para a crença varnhagueniana, conforme alguns autores costumam verificar, na guerra como um elemento nacional aglutinador? Não constitui o objetivo dessa análise buscar respostas para a inclusão das remissões de antigos e modernos na *História geral* e seus efeitos na operação historiográfica do autor, o que certamente constituiria outro estudo. A intenção aqui é menos abrangente. Todavia, considerando-se Tucídides, autor da

---

[19] O monge beneditino a quem se refere Varnhagen é Frei Gaspar de Madre Deus, como o mesmo indica em nota de rodapé.

conhecida *História da Guerra do Peloponeso*, e também o mais importante nome vinculado à biografia entre os antigos, Plutarco, e suas *Vidas paralelas*, o que haveria de semelhante ou ilusória familiaridade na escrita sobre as lutas em Varnhagen? Por que seus "ilustres" tornavam-se mais marcantes nesse assunto em especial? O que motivaria o historiador a estudar suas vidas e tomar partido deste ou daquele nome, como no caso abaixo:

> Tinha-a André Vidal de Negreiros, filho da Paraíba, e que já em secções precedentes deixamos conhecido por notáveis feitos de guerra, em consequência dos quais foi sucessivamente promovido por distinção até o posto de tenente de mestre de campo, que podemos dizer de tenente--coronel; pois que ainda que a alguns postos da milícia se davam nomes diferentes dos de hoje, eram eles quase os mesmos, e se haviam de todo introduzido no Brasil durante esta guerra. E bem que não faltassem escritores, que, contradizendo ás vezes sua afirmativa com os próprios fatos que narravam, quisessem, em parte por disfarce politico, outorgar toda a gloria a João Fernandes Vieira, chamando-lhe já Valerozo Lucideno, já Castrioto lusitano, nós apelamos unicamente para os fatos comprovados, e ao examiná-los o leitor julgará se, dando a palma a André Vidal, no mais mínimo sentenciamos com paixão. Lisonjeiro nos é sem dúvida ter de exaltar a memória de um ilustre patrício; mas no caso atual, em que para enaltecer a um herói, há que deixar um tanto deprimido outro, até agora injustamente exaltado em demasia, não o executáramos se a consciência guiada pela justiça, nos não alentara a ponto de conhecer que nos não cega a grande simpatia que temos pelas virtudes do herói paraibano, que não hesitamos apresentar como digno até de figurar em uma epopeia nacional (VARNHAGEN 1857, p. 3).

A passagem, embora longa, é de grande valia na tentativa de encontrar respostas a indagações como as que a precederam. Varnhagen desenvolve uma reflexão contundente, marcada pelo projeto de uma historiografia nacional no qual estava envolvido, mas também reveladora de seus pressupostos críticos nas pesquisas biográficas. Há, inclusive, como se pode notar, uma pequena revisão bibliográfica, dado que o autor da *História geral* cita duas importantes obras relativas aos eventos que narra: *Valeroso Lucideno* (1648), de Manuel Calado, e *Castrioto Lusitano*,concluído em 1675, de Rafael de Jesus. Esta última, como ressalta José Honório Rodrigues, muito criticada por Varnhagen, corresponde à biografia de João Fernandes Vieira, personagem ao qual buscava Varnhagen atribuir o devido mérito, garantindo a Vidal de Negreiros a láurea histórica (RODRIGUES 1979, p. 54-55). A correção biográfica do passado, tendo em vista uma visão histórica justa e correta da nação, é baseada no argumento de que caberia à história oitocentista corrigir tais equívocos, sem que se negasse o orgulho no elogio de um "ilustre patrício". Ao atentar a tais aspectos, a tônica *magistra* perde em parte seu sentido de encarregar o presente de fixar paralelos com o passado.

De todo modo, é possível considerar também que o excesso de conduções individuais correspondam às imposições das fontes com as quais contava o historiador. Varnhagen, em linhas gerais contrariando Tucídides, duvida da oralidade presente nos documentos. Falando da insurreição na Bahia, ocorrida em meio aos acontecimentos das lutas, declara:

> Efetuada pois a junção de todas as forças, e deixando agora de parte os diálogos de comédia que os escritores contemporâneos, e alguns modernos também, puseram em boca principalmente de Vidal e de Fernandes Vieira, desde logo se combinou o modo como havia que proceder ao ataque destes três pontos ocupados (VARNHAGEN 1857, p. 11).

Nestes termos, é preciso verificar mais acuradamente as supostas aproximações entre a escrita de Varnhagen e os modelos dos antigos. A pergunta deve recair nas motivações para as tão significativas participações dos heróis promovidos pelo historiador, como os já mencionados Camarão e André Vidal, além de outros que se revelam ao longo das seções, tais os casos de Salvador Correa de Sá e Benevides e Henrique Dias (VARNHAGEN 1857, p. 19 e 31). Em suas palavras:

> Favorecei, ao menos a memória, de vossos heróis, de vossos escritores, de vossos artistas, e a vossa nação terá artistas, terá escritores e terá heróis. E se não podeis levantar os padrões, ao menos entretanto comemorai os seus nomes pelos outros muitos meios de que dispondes: comemorai esses nomes nos dos barcos de guerra, e até nos das próprias motrizes das vias férreas! (VARNHAGEN 1857, p. 21).

Em passagens como a supracitada, Varnhagen evidenciava sua preocupação: a nação precisava de heróis. Provavelmente, seria a marca de um uso político da tradição plutarqueana. A nação brasileira necessitava de seus grandes homens e, caso fossem eles "brasileiros", tanto melhor.

A comprovação dos usos da biografia viria com a publicação, em 1871, da *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654* (VARNHAGEN 1955). No longo prefácio à obra, onde ressoa um ar polemista por parte do historiador, Varnhagen respondia a uma série de críticas que teria recebido em função das ressalvas que fizera às fontes por ele utilizadas na escrita da *História geral*. No entanto, o que interessa ressaltar é a seguinte explicação presente no prólogo daquela:

> Achávamos, por motivos de serviço público, no Rio de Janeiro, e acidentalmente em Petrópolis, e ainda estava por decidir a titânica luta que o Brasil sustentou no Paraguai, e nem sequer as armas aliadas haviam vencido o Humaitá e éramos testemunhas dos desfalecimentos de alguns, quando, com o assentimento de vários amigos, nos pareceu que não deixaria de concorrer a acoroçoar os que já se queixavam de uma guerra de mais de dois anos, o avivar--lhes a lembrança, apresentando-lhes, de uma forma conveniente, o exemplo de outra mais antiga, em que o próprio Brasil, ainda então insignificante colônia, havia lutado, durante vinte e quatro anos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações naquele tempo mais guerreiras da Europa. Tal foi o estímulo que tivemos para nos lançarmos, antes do tempo prometido, à redação da história especial dos mencionados vinte e quatro anos de luta, incluindo também os precedentes, em que se haviam passado os preliminares dela [...] (VARNHAGEN 1955, p. 11-12).[20]

[20] Houve uma segunda edição da obra já no ano de 1872.

Como não escondia Varnhagen, a publicação possuía uma clara finalidade: estimular os combatentes envolvidos na Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim, arranjada a partir do que já havia escrito em suas patrióticas seções dedicadas às invasões na *História geral*, somando-se àquelas mais informações extraídas de alguns novos escritos e mapas por ele reunidos, o livro foi impresso. O modo como são tratados os personagens é extremamente semelhante ao que se desenvolve na obra geral. Padre Antônio Vieira é citado como uma testemunha confiável (VARNHAGEN 1955, p. 76). Os ganhos do governo de Nassau são descritos e elogiados (VARNHAGEN 1955, p. 206-213). Estabelece-se a comparação entre a figura de Luiz Barbalho e Xenofonte fazendo uso basicamente das mesmas palavras e argumentos (VARNHAGEN 1955, p. 236). Algo a ser destacado é a correção quanto à naturalidade de Felipe Camarão, cujas novas pesquisas do historiador revelaram equivocada aquela atribuída na *História geral* (VARNHAGEN 1955, p. 350).

Outra particularidade da *História das lutas* é a citação feita por Varnhagen de um documento em que os conjurados de Pernambuco, no ano de 1645, contrários ao domínio holandês, referem-se à localidade como "nossa pátria", detalhe observado por Arno Wehling (VARNHAGEN 1955, p. 287). Para este:

> Varnhagen foi o primeiro historiador a chamar a atenção para o fato de que a palavra 'pátria' foi utilizada pelos líderes da insurreição Pernambucana, em seu Manifesto, sem entrar em considerações sobre sua precisão semântica, associando-a implicitamente ao sentido nacionalista moderno (WEHLING 2001, p. 45, nota 15).

Ainda de acordo com Wehling, apesar da constatação de que a criação da nação, para o autor da obra, fosse um compromisso dos homens da sua época, ele identificava traços regionais de patriotismo nas reações anti-holandesas e na literatura arcádica do século XVIII (WEHLING 2001, p. 45).[21]

Ao final do livro, nos elogios aos heróis, Varnhagen rememora que André Vidal, por todos os seus méritos, exigia um Plutarco para dar devido trato a sua biografia (VARNHAGEN 1955, p. 389). E essa repetida opinião permite que se recupere aqui a segunda analogia com os antigos acima indicada. Que função o nome do autor das *Vidas paralelas* assumia no discurso varnhagueniano? François Hartog elaborou um estudo dedicado à investigação das recepções da obra plutarqueana em diferentes épocas. Segundo este, de certa forma, Plutarco ocupa a distância entre antigos e modernos e suas *Vidas* representam um legado de exceção: "Não há outro Plutarco entre os Antigos: escreve-se biografias, antes e depois dele, compõem-se tratados morais, numerosos, mas o projeto de vidas, concebidas como paralelas, é único" (HARTOG 2005a, p. 101). Ao verificar o lugar ocupado pelas *Vidas* na economia da obra do autor antigo, Hartog ressalta ainda que elas não se tratavam de história, mas de filosofia moral, a biografia consistia em um convite à vida filosófica, seguindo o padrão (vinculado a Pitágoras) de converter o leitor em espectador, ou seja,

[21] Sobre o assunto, para o século XIX, ver JANCSÓ; PIMENTA 2000, p. 129-175.

o leitor deve executar ativamente o papel de avaliar as vidas e tirar suas conclusões (HARTOG 2005a, p. 104).[22] Ainda a partir do historiador francês, a biografia seria um caminho diferente entre os recursos disponíveis para o desenvolvimento da filosofia moral em Plutarco. Portanto, este não deve ter sua figura dividida entre filósofo e biógrafo (HARTOG 2005a, p. 106-107).

Conclusões de ontem e de hoje

Nas seções que se seguem após a guerra contra os holandeses, na *História geral*, há pouco o que ressaltar sobre a escrita biográfica. A proximidade temporal parece alterar em alguns casos a necessidade ou a obrigatoriedade das explicações relacionadas aos personagens. Eles são citados e agregados à narrativa sob outras óticas, menos desenvolvidas. O "mordaz Gregório de Mattos" e personagens coletivos recorrentes, como os jesuítas, são criticados por Varnhagen (VARNHAGEN 1857, p. 85-89; p. 138-139). Análises mais gerais tratam do Santo Ofício, dos autores setecentistas, da administração pombalina e dos "letrados do Brasil" que seguiam para Portugal em busca de formação e conhecimentos (VARNHAGEN 1857, p. 179-184; p. 252-253). Alguns de seus biografados na *Revista do Instituto Histórico* aparecem, mas apenas como personagens invocados pelo assunto apresentado, sem maior detalhamento biográfico, como no caso dos astrônomos Antonio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda (VARNHAGEN 1857, p. 253-258).[23] Essa ausência de detalhes é um fator relevante para se pensar o estatuto da escrita biográfica para além de obras específicas. Talvez uma rara exceção a essa constante pode ser observada no espaço dedicado a Santa Rita Durão:

> Fazendo menção de tantos escritores que ilustram então o Brasil, fora grave falta não tributar neste lugar homenagem a um ilustre brasileiro, que seguindo, por via diferente, os passos de José Basílio, presenteou a sua pátria com a epopeia do descobrimento e colonização do Brasil, a qual poderá com razão haver intitulado *Brasiliada*. Fr. José de Santa Rita Durão foi o poeta épico a que nos referimos, e *Caramuru* o nome por ele escolhido para a sua epopeia, que publicou em Lisboa em 1781, três anos depois de haver recolhido a Portugal; donde, ao doutorar-se em Coimbra, tivera que fugar-se para evitar a perseguição, por haver-se envolvido em assumptos políticos, sendo aliás regrante de Santo Agostinho (VARNHAGEN 1857, p. 262).

Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e mesmo Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, são brevemente citados, sobretudo quando da entrada em questão de suas condenações, sendo a chamada Inconfidência Mineira, como se sabe, um assunto delicado, nos quadros da história narrada por Varnhagen (VARNHAGEN 1857, p. 272-280).[24] Outro de seus biografados no periódico do IHGB, o bispo Azeredo Coutinho, é brevemente elogiado (VARNHAGEN 1857, p. 289). O dicionarista Moraes merece uma pequena menção biográfica, assim como o historiador inglês Robert Southey e Januário da Cunha Barbosa (VARNHAGEN 1857, p. 341-346).

---

[22] Para uma avaliação um pouco diferente do conjunto da obra de Plutarco, ver SILVA 2006.
[23] Sobre a elaboração de algumas das biografias assinadas por Varnhagen publicadas na *Revista do IHGB*, ver SANTOS 2008.
[24] Ver, em especial, GUIMARÃES 1995, p. 522.

Desse modo, configuram-se os momentos finais da obra e retorna-se ao seu autor, ao império de D. Pedro I e às glórias de D. Pedro II, pois este tornara possível o longo empreendimento de seu "fiel súdito", Francisco Adolfo de Varnhagen. Sua *História* deveria bem servir, enfim, a este contexto, o presente em que ela tem seu início e seu fim. Um registro interessante é que o historiador abre o prólogo à segunda edição da obra, em 1877, com uma citação de Tocqueville, onde este conclama às investigações das origens nacionais. Ao pretender legitimar uma vez mais a relevância de seu trabalho, comentava logo após a citação: "estas poucas linhas de autoridade insuspeita servirão de carta de recomendação para aqueles que imaginem de menos interesse o estudo da nossa história, nos tempos coloniais, sob regime diferente do que adotou o império independente e liberal" (VARNHAGEN s/d, p. IV). Ao contrário de Tocqueville, que, como sugere Marcelo Jasmin, cria mais na sua capacidade de julgar os fatos do que de narrá-los, Varnhagen estava certo de que contava com as duas habilidades (JASMIN 1996). E tão interessante quanto esta menção a Tocqueville é o registro de uma missiva, com data também no ano de 1877, em que comenta com José Carlos Rodrigues, redator da revista *Novo Mundo*, editada em Nova Iorque, algumas críticas que recebera o historiador em artigo publicado no referido periódico. Tratava-se de oposições à defesa de André Vidal frente a João Fernandes Vieira, uma tarefa de Varnhagen. Depois de uma longa réplica ao dito autor do artigo que apresentava contrariedades às suas opiniões, escreveu o historiador:

> Apelo para centenas de passagens de minha *História geral* a fim de que decidam se acaso sou dos que, por mal entendido amor pela terra em que nasci, ou pelos filhos dela, deixo de tributar a devida justiça aos beneméritos e abnegados amigos do Brasil, vindos ao mundo do outro lado do Atlântico... Sim Srs.: é certo que por amor pela justiça devida ao verdadeiro mérito, e não convenientemente tributado, levantei pendão em favor de André Vidal, que estava considerado como de méritos mui inferiores a Fernandes Vieira, de quem já hoje é em todo o caso *posto ao par*... Se, porém, no meu desempenho, fui mais além do que devia, como os antepassados durante mais de dois séculos praticaram com Vieira em prejuízo de Vidal, deixo 'ai posteri la sentenzia' (VARNHAGEN 1961, p. 485-486).[25]

Seu herói galgara o posto que lhe era merecido através de sua obra. Para além da longa e detalhada investigação desenvolvida por sobre a obra de Plutarco, citada anteriormente, pode-se afirmar que as pontuações supracitadas descrevem um pouco o desenho das apropriações da escrita biográfica, em um caso específico, no Brasil do Oitocentos. Na precisa apropriação aqui trabalhada, com seus heróis do presente e de guerras do "passado", tal como alude Hartog para o século XIX, "no grande homem há necessariamente um grande patriota, grande por ter escrito uma página gloriosa da biografia da nação" (HARTOG 2005a, p. 138). Varnhagen, em sua concepção pragmática da história, não esperaria que os grandes homens do Oitocentos tomassem a iniciativa de escrever suas páginas e, por isso, lá estava ele, disposto a lembrá-los de que não estavam sós no campo de batalha, fosse no passado, fosse no presente.

[25] Carta a José Carlos Rodrigues. Viena, [?] de abril de 1877.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Valdei Lopes de. Sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de. **Aprender com a história?**: o passado e o presente de uma questão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 131-147.

ARGOLLO VALDETARO, Zina Maria de Teive e. **Lições da ciência do belo**: os Saquaremas e a conformação dos brasileiros. Dissertação de mestrado em história. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

BATALHONE JUNIOR, Vitor. **Uma história das notas de rodapés**: o processo de anotação da *História geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1953). Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) *et al*. **História cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 173-208.

______. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia brasileira entre os antigos e os modernos. In: NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das; GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; GONÇALVES, Marcia de Almeida; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011a, p. 93-124.

______. L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX siècle : essai sur l'utilisation des modèles anciens et modernes de l'historiographie. **Historiografías**, 2, julio-diciembre, 2011b, p. 45-65.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro: a produção de vultos nacionais no segundo reinado. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, 2000, p. 41-62.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). **Revista do IHGB**. Rio de Janeiro, n. 388, jul./set., 1995, p. 459-613.

HARTOG, François. **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

______. Tempos do mundo, história, escrita da história. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 15-25.

_____. Um ancien chez les Modernes: Plutarque. In:_____. **Anciens, Modernes, Sauvages**. Paris: Galaade, 2005a, p. 99-147.

_____. Conclusion: du parallèle à la comparaison. In:_____. **Anciens, modernes, sauvages***.* Paris: Galaade, 2005b, p. 197-219.

JANKE, Leandro Macedo. **Lembrar para mudar**: o memorial orgânico de Varnhagen e a constituição do império do Brasil como uma nação compacta. Dissertação de mestrado em história. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira) In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem incompleta**: a experiência brasileira (1500-2000). Formação Histórias. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 129-175.

JASMIN, Marcelo. Historiografia e liberdade em *L'Ancien Régimé et la Révolution*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1996, p. 93-122.

KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In:_____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 21-39.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In:_____. **História e memória**. Campinas: Editora da Universidade Federal de Campinas Unicamp, 1994, p. 485-533.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura***.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema**. São Paulo: Hucitec, 2004.

NICOLAZZI, Fernando. História: memória e contramemória. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 217-234.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)**. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 6, março, 2011, p. 103-122.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III*.* Campinas: Papirus, 1997.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: introdução metodológica. 1° volume, 2ª edição, revista, aumentada e ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

RODRIGUES, José Honório. **História da história do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SANTOS, Evandro dos. Francisco Adolfo de Varnhagen entre debates, métodos, cópias e obras: como produzir biografias no século XIX. **Mostra de Pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. Anais. Porto Alegre: CORAG, 2008, p. 341-356.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, Taíse Tatiana Quadros da. A erudição ilustrada de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1877) e a passagem da historiografia das belas letras à história nacional: breve análise histórica. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 114-136.

SINKEVISQUE, Eduardo. Breve relação sobre o Tratado Político (1715) de Sebastião da Rocha Pita ou uma notícia dividida em quatro anatomias. **Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, São Paulo: Unicamp/IEL, n. 36, 2° semestre, 2000.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **O império da eloquência**: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ: EdUFF, 1999.

TIBURSKI, Eliete Lúcia. **Escrita da história e tempo presente no Brasil oitocentista**. Dissertação de mestrado em história. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Correspondência ativa**. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961.

______. História da Independência do Brasil, até ao reconhecimento pela antiga metrópole, compreendendo, separadamente, a dos sucessos ocorridos em algumas províncias até essa data. **Revista do IHGB**, 1916/1917, 79, p. 5-598.

______. D. Antonio Filippe Camarão. **Revista do IHGB**, 1867, Tomo XXX, p. 419-428; p. 501-508.

______. **História geral do Brasil**: antes de sua separação e independência de Portugal. 3ª Ed. Integral. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

______. **História geral do Brasil**, isto é, do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje império independente, escrita em presença de muitos documentos autênticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba. Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854.

______. **História geral do Brasil**. Isto é, do descobrimento, colonização, legislação, desenvolvimento, e do império, escrita em presença de muitos documentos inéditos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda, e dedicada a sua majestade imperial o senhor D. Pedro II. Tomo segundo. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert. Madrid: Imprensa de J. del Rio, 1857.

______. **Florilégio da poesia brasileira** ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. Tomos I, II e III. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1946.

______. História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

WEHLING, Arno. Varnhagen, história e diplomacia. In: SILVA, Alberto da Costa e (org.). **O Itamaraty na cultura brasileira**. Brasília: Instituto Rio Branco, 2001, p. 40-55.